

Revista de Literatura,
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e
Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 130-144

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS: EXPERIÊNCIAS FICCIONAIS ÀS MARGENS

**Historical consciousness and literary representations:
fictional experiences on the margins**

Dionei Mathias¹

RESUMO: Este artigo tem como propósito discutir a intersecção entre estudos literários e consciência histórica. Na primeira seção, discute alguns aspectos do conceito de consciência histórica, baseando-se num diálogo interdisciplinar com outras áreas de conhecimento e tentando verificar de que modo essas conceituações podem ser profícuas para os estudos literários. Na segunda parte, ilustra a discussão teórica, analisando a representação da consciência histórica no romance *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian

Florescu. Nas conclusões, diferencia três esferas de análise: a representação no nível da realidade ficcional, na esfera da mediação de informações e no posicionamento da voz autoral em diálogo com o espaço de sua produção estética. Por fim, chama a atenção para a necessidade de representações periféricas que permitam a ampliação do escopo de textos que embasam a formação de consciência histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência histórica; Estudos literários; Catalin Dorian Florescu; *Jacob beschließt zu lieben*.

ABSTRACT: This article aims to discuss the intersection between literary studies and historical consciousness. In the first section, it discusses some aspects of the concept of historical consciousness. Based on an interdisciplinary dialogue with other areas of knowledge, it tries to verify how these conceptualizations can be fruitful in the context of literary studies. In the second part, it illustrates the theoretical discussion, analyzing the representation of historical consciousness in Catalin Dorian Florescu's novel *Jacob beschließt zu lieben*. Concluding, it differentiates three spheres of analysis: representation at the level of fictional reality, in the sphere of information mediation and in the positioning of the author's voice in dialogue with the space of his/her aesthetic production. Finally, it draws attention to the need for peripheral representations that allow the expansion of the scope of texts that substantiate the formation of historical consciousness.

KEYWORDS: Historical consciousness; Literary studies; Catalin Dorian Florescu; *Jacob beschließt zu lieben*.

INTRODUÇÃO

O longo e árduo processo de obtenção de voz e de participação no maquinário de produção discursiva invariavelmente passa por um processo de formação de consciência histórica. Em analogia ao lugar de fala (RIBEIRO, 2017) marcado pelos entrelaçamentos interseccionais, todo ator social emerge de configurações históricas que, de uma ou de outra

¹ Doutor em Letras pela Universität Hamburg. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: dioneimathias@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0718781986349346>.

forma, definem uma parte substancial de seu ponto de partida para empreender negociações simbólicas, nos diferentes espaços de interação sociocultural. A ausência da consciência histórica não impede a participação nos processos de instauração ou modificação discursiva, mas ela definitivamente dificulta a identificação de um conjunto de sentidos que fundamenta os mais diversos posicionamentos norteadores de ações sociais.

Para atores sociais cujas experiências existenciais derivam das margens, a consciência histórica se revela como instrumento especialmente importante, pois permite tecer reflexões sobre a gênese dos posicionamentos que os atravessam. Nisso, as experiências marginais podem ser múltiplas e certamente são diferentes para cada contexto, o que resulta de configurações históricas que pavimentam caminhos para a instauração de um determinado espaço cultural. Em outras palavras, há diferenças substanciais entre um pertencimento marginal a um espaço cultural, digamos, de consumo desenfreado e caracterizado pela abundância (por exemplo o ocidente entendido como o Atlântico Norte) e um pertencimento marginal a um espaço econômica e socialmente fragilizado (característico de muitas sociedades do Atlântico Sul). Apesar das diferenças, em ambos os casos há estruturas semelhantes de marginalização que dificultam a instauração de uma voz autônoma. E em ambos os casos, a consciência histórica permite ter acesso a outros ângulos de percepção da realidade.

A literatura não tem se esquivado dessa discussão. Pelo contrário, são muitos os textos que abordam a intersecção entre literatura e história, encenando na realidade ficcional o modo como personagens processam acontecimentos macrosociais e como esses eventos impactam em concepções individuais. Em sua análise de *O continente I* de Erico Veríssimo, Pedro Brum Santos (2009, p. 213) escreve: “Cabe, então, aos agentes ficcionais expressarem opiniões, que, embora às vezes sejam contraditórias entre si, por isso mesmo, colocam para o leitor questionamentos que dão vida ao passado narrado.” Esses questionamentos podem representar um ponto de partida para esforços de diferenciação.

O grau de consciência representando na malha diegética por meio de personagens ficcionais naturalmente difere. Em alguns casos, personagens mostram resistência aos condicionamentos que o devir histórico impõe. Em outros casos, elas não tecem qualquer reflexão, arrastadas pelo fluxo dos acontecimentos, sem os instrumentos necessários para discernir as forças socioculturais que as arrebatam.

A literatura de fluxos migratórios, a modo de exemplo, ilustra isso amplamente. Não raramente em um mesmo texto, o leitor se depara com personagens que trazem a lume graus altamente díspares de consciência histórica. Esse é o caso, por exemplo, de romances como

Antes da liberdade, de Julia Alvarez (sobre o regime ditatorial de Trujillo na República Dominicana), *Warum das Kind in der Polenta kocht*, de Aglaja Veteranyi (sobre a situação política na Romênia), *Gehen, ging, gegangen*, de Jenny Erpenbeck (sobre motivações para emigração de diferentes países africanos), *A mais remota lembrança*, de Fred D'Aguiar (sobre o passado escravocrata) ou *Adua*, de Igiaba Scego (sobre o passado colonial). A literatura de fluxos migratórios se revela interessante, nesse contexto, pois primeiramente encena a fragilização da consciência histórica no trânsito entre diferentes espaços de gerenciamento simbólico, ao mesmo tempo, também propõe tessituras ficcionais que problematizam os impactos da ausência dessa consciência.

Nesse horizonte, o objetivo deste artigo reside primeiramente em recuperar a discussão teórica em volta do conceito de consciência histórica, a partir de um diálogo interdisciplinar, e refletir sobre sua proficuidade para os estudos literários. Na segunda parte, ilustra seus potenciais analíticos, propondo uma leitura do romance *Jacob beschließt zu lieben*, de Catalin Dorian Florescu. O romance encena diferentes momentos históricos e os posicionamentos de personagens pertencentes a um agrupamento de falantes do alemão, na Lorena, que migra para a região do Banato, na Romênia.

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

O conceito de consciência histórica tem sido um foco importante de pesquisas, especialmente na área de didática da História. Um questionamento norteador, nesse campo, busca encontrar respostas para o desafio de formar as próximas gerações, de modo que consigam dialogar com a herança histórica e inserir essas informações de maneira profícua na realidade de sua concretização existencial, no presente. Desse horizonte, Jörn Rüsen (2012) define o conceito da seguinte forma:

A categoria básica para compreender a aprendizagem histórica é a da consciência histórica. Sua definição generalizada soa assim: uma atividade mental de interpretar o passado para compreender o presente e esperar o futuro. Assim, combina passado, presente e futuro na linha de uma ideia do que é a mudança temporal. Sintetiza as experiências do passado com os critérios dos sentidos que são efetivos na vida prática de hoje e sua ação orientando perspectivas para o futuro (RÜSEN, 2012, p. 523)².

² “The basic category for understanding historical learning is that of historical consciousness. Its widespread definition sounds as follows: a mental activity of interpreting the past for the sake of understanding the present and expecting the future. Thus it combines past, present and future along the line of an idea of what temporal change is about. It synthesizes the experiences of the past with the sense criteria which are effective in the practical life of today and its action guiding outlooks into the future” (RÜSEN, 2012, p. 523).

A habilidade-chave no processo de obtenção da consciência histórica é a capacidade de interpretação, formando um público leitor apto a interagir com os textos do passado, capaz de criar elos com o presente e munido de instrumentos para vislumbrar um futuro que pode emergir dos potenciais de sentido oriundos de determinada constelação histórica. Nesse sentido, a consciência histórica resulta de um processo de formação voltado à gestão crítica de sentidos, o que evidentemente tem um papel igualmente importante na recepção de textos literários.

Se esse processo já é complexo numa comunidade que se considera, em maior ou menor grau, homogênea, ele se torna ainda mais intrincado em comunidades com múltiplas afiliações socioculturais. Para o caso de fluxos migratórios, especificamente, isso envolve, por exemplo, o confronto com diferentes culturas de consciência histórica (isso, se elas estiverem disponíveis na bagagem cultural do respectivo ator social), causando ruídos nos processos comunicacionais, na medida em que o desconhecimento gera dificuldades para a criação de uma base comum de acesso ao passado. Essa dinâmica não se restringe à experiência de imigração, estendendo-se igualmente aos processos de encontro entre grupos dominantes e minoritários que, de alguma forma, negociam os sentidos que orientam as visões do passado.

Trata-se, portanto, de um processo de formação, voltado para a orientação no tempo, cujo movimento se encontra perpassado pelas estratégias de instauração de sentidos (AHONEN, 2005, p. 699). Nisso, há um esforço de recuperação de estratos de sentido instaurados no passado e ressemantizá-los, com intuito de criar elos causais que impactem nas configurações de sentido vigentes no presente, permitindo delinear percursos acionais que pavimentem projetos de sentido para o futuro. Sabidamente, trata-se de um caminho árduo que implica uma formação ampla, esforçada em diferenciar e disposta a constantes revisões, à medida que novos potenciais de sentido emergem do legado histórico. Ao passo que uma comunidade gerencia sua consciência histórica, ela também empreende movimentos de inclusão e exclusão, de administração imagética e de pertencimento. Ou seja, a reflexão sobre o passado e a consciência histórica específica estão conectadas com as modalidades de representação de diferentes agrupamentos que compõem um espaço sociocultural.

Com isso, uma parte substancial desses sentidos provém de dinâmicas identitárias (CLARK; PECK, 2020, p. 3). Indivíduos ou coletivos buscam compreender seu lugar no mundo, revisitando para isso o passado, a fim de identificar a gênese que condiciona sua voz. Nesse trabalho de diálogo com o legado histórico, há uma tentativa de identificar como a própria voz (ou os valores que a fundamentam) pôde participar das visões dominantes de um

período ou como ela permaneceu silenciada, diante das formatações discursivas que legitimavam as regras de participação. Nesse sentido, a interpretação do passado se fundamenta, ao menos parcialmente, a partir de um lugar de fala no presente que busca compreender o passado e imaginar o futuro, a partir desse escopo específico de participação. Cabe perguntar que consciência histórica cada comunidade busca e com que motivação.

As sociedades contemporâneas não simplificaram esse acesso. Pelo contrário, com o crescimento da complexidade, as afiliações se multiplicaram, produzindo identificações em vários níveis: “A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado” (BARCA, 2006, p. 95). O acesso ao passado, portanto, ocorre a partir de inúmeros posicionamentos, com lógicas e dinâmicas representacionais específicas, a fim de verificar como determinadas estruturas de sentido foram instauradas e como esse conhecimento explica dimensões do presente. Com o crescimento da complexidade, a tarefa de formação de consciência histórica não se tornou mais simples, o que intensifica ainda mais a necessidade de questionar o escopo das práticas que condicionam a orientação no tempo.

Com efeito, o passado não permanece fixo e imutável, pois os novos acessos vão trazendo a lume configurações alternativas de sentido, em consonância com os diferentes posicionamentos a partir dos quais ocorre sua análise:

A História não trata de certezas sobre um passado considerado fixo até que novos factos sejam descobertos; existem construções historiográficas diferentes, por vezes a responder a perguntas muito próximas, mas com enfoques diferentes. Numa sociedade aberta, torna-se cada vez mais óbvia esta característica da História – a de que não se aceita apenas “uma grande narrativa” acerca do passado – já que os historiadores podem produzir narrativas divergentes, fruto de perspectivas diferenciadas sobre as mesmas fontes ou situações. E esta realidade é constatada cada vez mais claramente quando os pontos de vista de outros autores, de outros povos, nos são desvendados nesta sociedade de contactos cada vez mais fáceis e rápidos (BARCA, 2006, p. 95-96).

Como Isabel Barca (2006) também menciona, isso não significa que toda nova interpretação tenha validade. Como em outras ciências humanas, elas precisam se expor ao julgamento dos pares e passar pelos crivos de análise de terceiros. Desse diálogo surgem “perspectivas diferenciadas”: primeiramente pelo acesso aos documentos do passado, fundamentado pelas mais diversas motivações, num segundo momento, também pelo diálogo desencadeado por determinada interpretação que passa a ser alvo de escrutínio de diferentes

leitores, validando ou rejeitando os sentidos propostos. Em consonância com a confluência de diferentes perspectivas, a consciência histórica se estende, estabelecendo uma base para maior diferenciação. Nesse horizonte de revisão, as vozes minoritárias, com suas perspectivas alternativas, têm um interesse especial, pois desbravam novos percursos de representação, desestabilizando os condicionamentos intelectuais de uma determinada comunidade.

Com isso, o passado se torna objeto de negociação, produzindo diferentes resultados, de acordo com os posicionamentos discursivos dos agentes da interpretação. Grever e Adriaansen (2019) problematizam isso, chamando a atenção para a dinâmica que condiciona a atribuição de sentidos:

Essas atribuições decorrem de diferentes quadros interpretativos. Crescendo em comunidades com histórias, imagens, rituais e silêncios específicos sobre o passado, as pessoas buscam, criam ou ajustam narrativas existentes das quais querem fazer parte, evitando outras. Todo esse processo de tomada de consciência de qualquer passado no presente é dinâmico e em constante mudança, tanto em nível coletivo quanto individual, e geralmente é chamado de “consciência histórica” (GREVER; ADRIAANSEN, 2019, p. 814)³.

O pertencimento a um determinado agrupamento impacta, portanto, no modo como processos de percepção são guiados, tendo como fundamento experiências do passado, interesses no presente e expectativas para o futuro. Ao mesmo tempo, isso significa que a consciência histórica está igualmente sujeita às armadilhas do etnocentrismo ou de outras formatações discursivas, cujo olhar se direciona prioritariamente a um conjunto de interesses (identitários) de determinado agrupamento. Uma perspectiva única é sempre limitada, pois seu escopo de apreensão é limitado por natureza. Daí decorre a necessidade de confrontar diferentes perspectivas e criar espaços discursivos que propiciem sua articulação.

Nessa esteira, não é somente crucial investir na formação da consciência histórica. É igualmente importante problematizar os condicionamentos das próprias perspectivas, a fim de sensibilizar o olhar para outros crivos de percepção. Atrelado a isso, encontra-se a gestão das narrativas que configuram a consciência histórica. Hayden White (2014), mas também outros estudiosos como Jens Brockmeier chamam a atenção para o papel das narrativas que emergem do diálogo com o passado, como instrumentos de organização discursiva. Para Jens

³ “Whatever we think or feel about the dispute, it obviously reveals that the involved parties are clearly aware of the impact of World War II, but attribute opposing meanings to this commemoration. These attributions stem from different interpretative frameworks. Growing up in communities with specific stories, images, rituals and silences about the past, people seek for, create or adjust existing narratives they want to be part of while avoiding others. This whole process of becoming aware of any past in the present is dynamic and constantly changing, both on collective and individual levels, and is usually referred to as ‘historical consciousness’” (GREVER; ADRIAANSEN, 2019, p. 814).

Brockmeier (2002):

Além disso, do ponto de vista histórico, a narrativa não é apenas um registro, ainda que básico, comunicativo e cognitivo entre outros. No que se refere à emergência da memória cultural, ou seja, da consciência histórica, a narrativa é essencial para conectar outras formas de discurso e mediação simbólica e integrá-las ao espaço simbólico de uma cultura (BROCKMEIER, 2002, p. 28)⁴.

A palavra-chave, nessa citação, é mediação. Toda narrativa pressupõe um trabalho de organização das informações a serem articuladas. Isso significa, por exemplo, adotar diferentes perspectivas para sua exposição, mas também implica que a voz autoral ocupe um posicionamento, a partir do qual expõe a mediação das diferentes perspectivas. Da organização da narrativa histórica – Hayden White fala de *emplotment* em analogia aos textos literários (SPIROPOULOU; WHITE, 2015) – emergem, portanto, estratégias de representação, concedendo voz, atribuindo lugar ou também silenciando. A metarreflexão sobre as estratégias de organização discursiva revelam algo sobre os posicionamentos inerentes à produção de consciência histórica (MIGUEL-REVILLA; SÁNCHEZ-AGUSTÍ, 2018, p. 114) e esclarecem o escopo daquilo que uma comunidade entende ser relevante para sua autoimagem. O processo conflituoso entre grupos dominantes e minorias tem um papel central, nesse contexto, pois impacta nas dinâmicas representacionais. São essas dinâmicas que definem o que adentra a consciência e como esse conteúdo é processado, a fim de produzir novas narrativas de identidade para comunidades que compartilham um determinado espaço da vida.

Nesse quesito, as ferramentas discursivas dos estudos literários e historiográficos apresentam uma série de confluências. Para Gabriela de Lima Grecco (2014),

Tanto a escrita histórica como a literária compartilham um ambicioso projeto de apreender as realidades humanas, evidenciando a força das representações do passado propostas por esses dois diferentes discursos. Nesse sentido, pode-se verificar que a aproximação entre história e literatura já tem um percurso respeitável, de modo que muitos historiadores reconhecem no texto literário a possibilidade de se trabalhar com discursos que, em grau variado, revelam o campo de produção simbólica de uma época (GRECCO, 2014, p. 45).

⁴ “Moreover, from a historical vantage point, narrative is not just one, even if basic, communicative and cognitive register among others. Insofar as the emergence of cultural memory, that is, historical consciousness, is concerned, narrative is essential in connecting other forms of discourse and symbolic mediation, and integrating them into the symbolic space of a culture” (BROCKMEIER, 2002, p. 28).

A pergunta central, contudo, é que “realidade humana” se torna foco de apreensão, tanto no que diz respeito à formação da consciência histórica como da produção estético-literária. A questão do cânone que atravessa as discussões nos estudos literários está diretamente ligada a essa questão, pois a seleção de textos considerados relevantes contribui para a formação de uma consciência histórica, neste caso, da gênese de um percurso literário. Na medida que textos literários produzem “a desestabilização esperada da arte” (WEINHARDT, 20002, p. 119), eles também impactam nas dinâmicas da consciência histórica, suscitando revisões e ampliações do escopo daquilo que se apreende da realidade extraficcional. Para Valdeci Rezende Borges (2010):

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p. 98).

Nessa leitura, o texto literário pode servir de documento que auxilia no processo de reconstrução do passado e na instauração de uma consciência histórica diferenciada. No entanto, é preciso questionar quais registros o legado literário apresenta e que filtros fundamentam a concatenação dos eventos mediados. Em consonância com outras práticas discursivas, a produção literária também apresenta uma série de condicionamentos que definem as dinâmicas de representação. Na medida em que serve como documento para a reconstrução do passado, ele não também precisa passar pelo escrutínio do lugar de fala. As respostas para isso, que não são simples, problematizam, ao menos em parte, os condicionamentos inerentes à consciência histórica.

Com efeito, o texto literário permite duas abordagens diversas nesse contexto. Por um lado, ele pode servir de documento para a recuperação do passado, inserindo-se na prática discursiva da historiografia, importante para os estudos historiográficos e literários, na medida em que se produzem histórias das respectivas literaturas nacionais. Ao mesmo tempo, o texto literário também representa um registro estético-verbal que encena dinâmicas da consciência histórica, trazendo a lume, por meio de personagens de ficção, diferentes formas de administrar o passado e inseri-lo no presente.

Nesse último caso, que representa o foco de discussão deste artigo, o estudo literário

volta sua atenção para o modo como a consciência histórica (presente, ausente, parcialmente desenvolvida, em processo de obtenção dos instrumentos necessários para sua instauração) impacta nas percepções do si ou nas narrativas identitárias das respectivas personagens. Tanto na História como na Literatura, a perspectiva a partir da qual os eventos são narrados tem um papel central, pois o lugar de fala não condiciona somente as modalidades de participação, ele também fundamenta os percursos de percepção. Nesse cenário, o texto literário problematiza dimensões da realidade e as transforma em objeto de representação.

PROBLEMATIZAÇÕES DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA FICÇÃO

O romance *Jacob beschließt zu lieben*, de Catalin Dorian Florescu se revela interessado nesse conjunto de questionamentos, pois encena, na realidade ficcional, diferentes momentos do passado: A Guerra do Trinta Anos, o período de governo de Maria Teresa da Áustria, o regime nazista e a implantação do regime comunista na Romênia. Nesses diferentes estágios que embasam o passado do grupo de imigrantes, a representação das dimensões históricas não tem como foco central os grandes agentes do poder e suas decisões políticas. No lugar de recuperar essas vozes dominantes, o romance encena os posicionamentos históricos daqueles atores sociais que permanecem à margem dos respectivos espaços de concretização existencial. O texto, portanto, encena como essas personagens processam as informações de seu tempo e como isso se transforma (ou não) em diferentes períodos. Com efeito, o romance mostra um fio condutor que perpassa os quatro momentos, qual seja, a incapacidade ou a limitação por parte das personagens de identificar como as ações dos detentores de poder impacta no modo como podem pensar suas formas de ser no mundo.

O que motiva a recuperação desse passado, no enredo, é a reconstrução da origem do grupo minoritário de origem linguística alemã, na Romênia. A passagem que segue provém da perspectiva do elo mais remoto da família do protagonista. Esse patriarca, Caspar Obertin, cuja existência por vezes é questionada pela voz narrativa, ainda se encontra no espaço de origem, envolto pelas agruras da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648):

Embora fosse proibido beber, eles faziam brindes um para o outro. Embora fosse proibido xingar e brigar, nada mais gostavam do que isso. Embora fossem proibidos de mencionar suas origens em uma discussão, era nesses momentos que redescobriam que eram suecos e finlandeses, letões e saxões, da Lorena e do Palatinado. Homens de todos os quatro cantos da Europa unidos pelo desejo de espólio. Que estavam travando uma guerra de cujas razões mal se lembravam. Ela os alimentou e eles alimentavam a guerra. Isso

foi motivo suficiente (FLORESCU, 2011, p. 75)⁵.

A passagem retrata um momento de lazer, em que soldados de diferentes regiões da Europa se encontram, longe dos campos de batalha. Condicionados, por um aparato discursivo de controle, a submeter o corpo e a comunicação aos interesses do respectivo detentor de poder, os soldados, nesse momento de lazer, oferecem resistência a esses mecanismos, abrindo brechas para outros olhares sobre suas realidades. A constatação mais importante, nesse contexto, se encontra no fato de que os atores sociais diretamente envolvidos na manutenção da máquina bélica não conhecem realmente os motivos que a mantém ativa, de modo que a guerra se transforma em algo automatizado, sem desencadear quaisquer questionamentos. Para reforçar sua manutenção, Caspar Obertin canta, em outras passagens, canções que alimentam o ódio contra os adversários.

Nesse cenário, o percurso individual do antepassado está atravessado por experiências de violência, fome e completa ausência de segurança social. Em nenhum momento, contudo, ele associa as condições sociais ao modo como os interesses de detentores de poder condicionam o espaço da vida. Com efeito, ele não possui os instrumentos para emergir de sua condição e olhar sobre sua realidade de outra perspectiva. A estruturação ficcional do romance, por sua vez, ao expor uma sequência de eventos cuja dimensão a personagem não consegue identificar adombra uma perspectiva que revela um ator social cuja existência é esmagada, tendo sua fundamentação discursiva legitimada na oposição entre protestantes e católicos.

Quase um século depois, outro membro da genealogia familiar, Frédéric Aubertin ou Frederick Obertin, dependendo da filiação cultural, se vê envolvido em experiências semelhantes:

Pois, embora a Grande Guerra tivesse terminado há mais de um século, a área ao redor de Dieuse, na verdade toda a Lorena, nunca havia se acalmado. O rei da França havia lutado em outras guerras quando ainda era jovem, e seus pais tiveram que escondê-lo dos esquadrões de recrutamento do exército. Assim que os cavaleiros foram avistados na estrada para Marsal, ele fugia para o bosque. Nesse ínterim, não havia mais necessidade de temer tal coisa (FLORESCU, 2011, p. 238)⁶.

⁵ “Obwohl es verboten war, sich zuzutrinken, tranken sie sich zu. Obwohl es verboten war, zu fluchen und sich zu prügeln, taten sie nichts lieber als das. Obwohl ihnen untersagt war, im Streit ihre Herkunft zu erwähnen, entdeckten sie in solchen Momenten wieder, dass sie Schweden und Finnen, Letten und Sachsen, Lothringer und Pfälzer waren. Männer aus allen vier Ecken Europas, die vom Wunsch nach reicher Beute zusammengehalten wurden. Dass sie einen Krieg führten, an dessen Gründen sie sich kaum noch erinnerten. Er ernährte sie, und sie ernährten den Krieg. Das war Grund genug” (FLORESCU, 2011, p. 75).

⁶ “Denn obwohl der Große Krieg seit über einem Jahrhundert beendet war, war die Gegend um Dieuse, ja ganz

O detentor de poder é outro e o momento histórico também é outro, mas a perspectiva sobre atores sociais que se encontram às margens desse espaço social continua muito semelhante. Como seu antepassado, Frederick se transforma em alvo de instrumentalização a serviço de conflitos bélicos e interesses de extensão e manutenção de poder. O final da passagem indica que esse período de medo passou, mas a fragilização do espaço social permaneceu. Assim, quando a personagem recebe informações de que Maria Teresa da Áustria está recrutando pessoas para colonizar o Banato, na Romênia, Frederick reconhece chances para escapar da miséria e do recrudescimento que fundamenta sua existência. Desse ângulo, a personagem não consegue identificar que o objetivo primordial da monarca austríaca tem como foco colonizar o espaço e, sobretudo, assegurar a manutenção de seu poder naquela região. Em ambos os casos, tanto em sua juventude como no presente diegético, Frederick se torna objeto das estratégias de conquista e instalação de poder.

As promessas que acompanham esse discurso não antecipam nem as atrocidades da guerra, nem, como é o caso nesta segunda situação, as dificuldades da chegada à região do Banato. O episódio que relata a viagem de ida expõe os inúmeros perigos aos quais os colonizadores se veem expostos. Juntam-se a eles, após a chegada, doenças, fome e a necessidade de construção de toda uma infraestrutura propícia para a condução da existência. No nível da esfera diegética, as personagens não apresentam qualquer consciência histórica sobre como se tornam objeto das macropolíticas de seu tempo. Pelo contrário, elas se encontram de tal forma imergidas no fluxo da concretização existencial, que não têm nem energia, muito menos, instrumentos para identificar os movimentos da manobra. Isso se encontra corroborado na questão da ortografia do nome do protagonista dessa seção, cuja marca de individualidade é apagada, em nome das visões de mundo dominantes. No nível extradiegético, um dos objetivos do romance reside no esforço de reler o passado e identificar estruturas que condicionaram a existência desses imigrantes.

Do século XVIII, o relato alterna para o presente diegético, ambientado no período de expansão das forças nazistas no continente europeu. Deslumbrada com a semiótica militar, a minoria étnica alemã rapidamente se identifica com a potência bélica que vem do outro lado do continente. Isso inclui personagens com um alto impacto de reprodução discursiva como o pastor e o professor. Na passagem que segue, o episódio ocorre em sala de aula, quando um aluno pergunta sobre o que seria o melhor que ainda poderia acontecer:

Lothringen nie wirklich zur Ruhe gekommen. Noch in seiner Jugend hatte Frankreichs König weitere Kriege geführt, und seine Eltern hatten ihn vor den Aushebungskommandos der Armee verstecken müssen. Kaum wurden auf der Straße nach Marsal Reiter gesichtet, flüchtete er ins nach Wäldchen. Inzwischen brauchte man sich vor so etwas nicht mehr zu fürchten“ (FLORESCU, 2011, p. 238).

Quando tudo for alemão, não haverá mais nada disso. O melhor, você pergunta? Que em poucos anos você também estará uniformizado e guerreando pela nossa causa. Talvez não mais esta guerra, mas outra. Uma guerra sempre pode ser encontrada, não vai faltar (FLORESCU, 2011, p. 174)⁷.

O olhar do professor acaba de voltar da sala ao lado, onde uma professora leciona para crianças romenas, numa sala com a foto do rei romeno. A questão da consciência histórica incide em dois vetores. Primeiramente, o docente pauta sua interpretação do presente construindo uma genealogia histórica, em que a guerra é algo natural e desejável. Ainda nesse horizonte, como muitos outros, ele prefere elidir a violência sistematizada perpetrada pelo regime nazista contra vizinhos e contra diferentes alvos de perseguição sistemática. Nisso, ele internaliza a visão de mundo propagada pelo regime nazista, mesmo estando muito distante do seu centro de disseminação.

O segundo aspecto remete a seu papel de formador e difusor de conhecimentos. O que ele oferece aos alunos não são instrumentos de análise, mas sim os ingredientes para adoção da visão de mundo nazista. Desse modo, eles não são formados para diferenciar, questionar e, muito menos, para olhar para o passado a partir de diferentes ângulos. No lugar disso, eles recebem uma explicação de mundo pronta, a fim de buscar sua concretização fora do espaço de formação. Nesse sentido, os potenciais da consciência histórica se encontram duplamente fragilizados, intensificando o embotamento crítico. Como seus antepassados, os descendentes de Caspar e Frederick voltam a ter suas existências definidas por projetos de poder que condicionam as estruturas macrossociais.

Jacob, último descendente direto e voz narrativa, tem sua existência impactada pelo regime nazista e, no pós-guerra, também pelo novo regime que se instala:

Pouco depois da partida dos russos, os comunistas romenos chegaram à aldeia. Eles se assentaram, nomearam um novo prefeito, um secretário do partido e um miliciano. Os jornais vermelhos de Timisoara chegavam à aldeia todos os dias e com eles as notícias sobre as prisões e expropriações dos inimigos do povo. Dentre os quais, os suábios foram expressamente incluídos. Ficou claro para todos que Tribswetter logo também seria atingida pela nova tempestade (FLORESCU, 2011, p. 352)⁸.

⁷ “Wenn alles deutsch sein wird, wird es so etwas nicht mehr geben. Das Schönste, fragst du? Dass ihr in ein paar Jahren auch in einer Uniform steckt und für unsere Sache Krieg führt. Vielleicht nicht mehr diesen Krieg, aber einen anderen. Ein Krieg lässt sich immer finden, daran mangelt es nicht“ (FLORESCU, 2011, p. 174).

⁸ “Kurz nachdem die Russen abgezogen waren, kamen die rumänischen Kommunisten ins Dorf. Sie setzten sich fest, ernannten einen neuen Bürgermeister, einen Parteisekretär und einen Milizmann. Täglich erreichten das Dorf die roten Zeitungen aus Temeschwar und mit ihnen die Meldungen über die Verhaftungen und die Enteignungen der Volksfeinde. Die Schwaben wurden ausdrücklich dazugezählt. Es war jedem klar, dass bald auch Tribswetter vom neuen Sturm erfasst würde“ (FLORESCU, 2011, p. 352).

A visão de mundo do novo regime reorganiza as formas do convívio social e as estruturas de propriedade, identificando a minoria étnica alemã como inimiga do regime. A nova configuração discursiva define quem deve ser beneficiário da nova política e quem deve ser excluído. Ao lado das expropriações, Jacob e seu pai acabam deportados para uma região ainda mais inóspita, sem nenhuma infraestrutura, expostos a doenças e intempéries que o corpo praticamente não tem como debelar. Como Caspar e Frederick, Jakob pai e Jacob filho buscam construir uma existência, mas permanecem às margens sob os desmandos daqueles que definem os percursos macrossociais.

Nisso, a voz narrativa não idealiza essas personagens masculinas, pelo contrário, ela expõe igualmente suas afiliações ao pensamento patriarcal e o princípio de reprodução da violência. Nos dois vetores de representação, contudo, as personagens não detêm os instrumentos para identificar como suas existências são produtos de eventos históricos que definem o modo como imaginar e concretizar suas narrativas de identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Florescu (2011) justapõe episódios, encenando o modo como diferentes personagens pertencentes a uma mesma família têm suas existências definidas por eventos históricos. No plano da realidade ficcional, as personagens praticamente não têm instrumentos que lhe permitam refletir sobre os condicionamentos macrossociais que se abatem sobre elas. No lugar da reflexão, o romance encena como elas são impelidas a reagir e encontrar novas formas de concretização existencial, sem realmente poder oferecer qualquer resistência. A consciência histórica inexistente e, quando desponta no horizonte das personagens, rapidamente esmaece, impedindo a construção de elos causais.

A consciência histórica tampouco se revela de forma explícita no nível da mediação de informações. No lugar disso, o princípio que organiza a mediação ocorre com base na justaposição de episódios, expondo a confluência entre eventos históricos e a existência individual. A estratégia de mediação, portanto, não tem a intenção de fornecer respostas e interpretações. No lugar disso, convida o leitor a identificar as analogias e os elos causais que perpassam os diferentes momentos da narrativa. Desse modo, o texto encena a ausência de consciência histórica no plano ficcional, ao mesmo tempo, convida os leitores, no plano extraficcional, a fazerem uso de estratégias de obtenção de consciência histórica, na medida em que os elos causais precisam ser tecidos no ato da leitura.

A voz autoral, por fim, também se insere nessa discussão. Como ator social que se

afilia, de algum modo, aos interesses de minorias, Florescu propõe um texto ficcional que encena justamente como fluxos migratórios emergem, ao menos parcialmente, de eventos macrossociais que impelem indivíduos a deixar o espaço da primeira socialização, forçando-os a buscar recursos em outros lugares. Trata-se de um posicionamento de enunciação que empreende o esforço de estimular a obtenção de consciência histórica no que diz respeito às motivações para migrações, com um olhar atento para as margens do seu espaço social. Nesse sentido, seu romance encena e problematiza dimensões da consciência histórica, convidando o público leitor a tecer elos causais entre os diferentes episódios que compõem a malha ficcional, mas também entre a proposta da imaginação ficcional e sua reverberação na realidade de seus leitores.

Esses três vetores, para concluir, podem representar uma estratégia de discussão do nexos entre literatura e consciência histórica:

- a. Como a consciência histórica é encenada no plano da realidade ficcional?
- b. Como a mediação das informações que embasam o enredo contribuem para a obtenção de instrumentos que ajudem a diferenciar as narrativas do passado?
- c. Como a voz autoral se posiciona a fim de desencadear processos de reflexão entre a proposta ficcional e a realidade de concretização existencial de seus leitores?

Essas perguntas certamente não são suficientes para abarcar a complexidade do fenômeno abordado, mas talvez elas possam servir de ponto de partida para conceber estratégias de diferenciação. Importante, nesse contexto, é discutir como representações periféricas na literatura se posicionam diante do fluxo de eventos históricos, produzindo outros ângulos discursivos e outras perspectivas que dão acesso a novas interpretações. Igualmente importante é um olhar atento para a diversidade das experiências periféricas e para construção de analogias entre essas experiências. Para os estudos literários, isso significa, antes de mais nada, um trabalho árduo de desbravamento de corpora de análises, a fim de estender a paleta que fundamenta visões de mundo, a partir da experiência estética.

REFERÊNCIAS

AHONEN, Sirkka. Historical consciousness: a viable paradigm for history education? *Journal of Curriculum Studies*, v. 37, n. 6, p. 697–707, 2005.

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. *Educar em Revista*, v. 22, n. especial, p. 93-112, 2006.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria*

da **História**, v. 1, n. 3, p. 94-109, 2010.

BROCKMEIER, Jens. Remembering and Forgetting: Narrative as Cultural Memory. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 15-43, 2002.

SANTOS, Pedro Brum. Ficção, guerra e identidade. **Letras**, v. 19, n. 1, p. 205-217, 2009.

CLARK, Anna; PECK, Carla L. Introduction. Historical Consciousness. Theory and Practice. In: CLARK, Anna; PECK, Carla L. (eds.). **Contemplating Historical Consciousness. Notes from the Field**. New York/Oxford: Berghahn, 2020, p. 1-15.

FLORESCU, Catalin Dorian. **Jacob beschließt zu lieben**. München: C. H. Beck, 2011.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, n. 11, p. 39-53, 2014.

GREVER, Maria; ADRIAANSEN, Robbert-Jan. Historical consciousness: the enigma of different paradigms. **Journal of Curriculum Studies**, v. 51, n. 6, p. 814-830, 2019.

MIGUEL-REVILLA, Diego; SÁNCHEZ-AGUSTÍ, María. Conciencia histórica y memoria colectiva: marcos de análisis para la educación histórica. **Revista de Estudios Sociales**, v. 65, p. 113-125, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RÜSEN, Jörn. Formando a Consciência Histórica – Por uma Didática Humanista da História. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 519-536, 2012.

SPIROPOULOU, Angeliki; WHITE, Hayden. History and Literature: An Interview with Hayden White. **Synthesis: an Anglophone Journal of Comparative Literary Studies**, v. 0, n. 8, p. 118-124, 2015.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. **Revista Letras**, n. 58, p. 105-120, 2002.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2014.

Recebido: 22/04/2022
Aprovado: 21/11/2022